

Fazer(-se) a mão: um exercício de tecer uma escrita sobre a escrita

Débora Regina Wagner¹
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Este texto tem como objetivo tecer uma escrita sobre a própria escrita, numa tentativa de apresentar um exercício de pensamento que se dá a ver na forma de uma escrita de si na perspectiva de Michel de Foucault. Aqui os gestos e ações de ler, escrever, estudar, conversar, ensinar, pensar e falar são efeitos de uma prática que ressoam no ofício de uma professora-pesquisadora que ensina matemática no Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina, promovendo, no seio de uma vida, a produção de um fazer-se e o movimento de transformação de si junto as problemáticas do cotidiano, do ensino e da pesquisa na formação de professores. Na companhia filosófica que se escolhe, pensar tal processo de produção da escrita no campo da educação matemática e suas ressonâncias na Educação do Campo é um modo de promover um exercício ético, estético e político, que visa uma função etopoiética de transformação da verdade em *êthos*.

Palavras-chave: Escrita de si; Leitura e escrita; Educação Matemática; Educação do Campo.

Making (yourself) by hand: an exercise of weaving a writing about writing

ABSTRACT

This text aims to weave a writing about writing itself, in an attempt to present a thought exercise that can be seen in the form of a writing of the self in the perspective of Michel de Foucault. Here, the gestures and actions of reading, writing, studying, talking, teaching, thinking and speaking are effects of a practice that resonates in the work of a teacher-researcher who teaches mathematics in the Degree Course in Countryside Education at the Federal University of Santa Catarina, promoting in the heart of a life the production of a doing and the movement of transformation of the self together with the problems of everyday life, teaching and research in teacher training. In the philosophical company that is chosen, thinking about this process of writing production in the field of mathematics education and its resonances in Countryside Education is a way of promoting an ethical, aesthetic and political exercise, which aims at an ethopoietic function of transforming truth into *êthos*.

Keywords: Self writing; Reading and writing; Mathematics Education; Countryside Education.

Hacerte a mano: un ejercicio de tejer un escrito sobre la escritura

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo tejer una escritura sobre la escritura misma, en un intento de presentar un ejercicio de pensamiento que se puede ver en la forma de una escritura de sí en la perspectiva de Michel de Foucault. Aquí, los gestos y acciones de leer, escribir, estudiar, hablar, enseñar, pensar y hablar son efectos de una práctica que resuena en el trabajo de una docente-investigadora que enseña matemáticas en la Licenciatura en Educación de Campo de la Universidad Federal de Santa Catarina, promoviendo en el seno de una vida la producción de un hacer y el movimiento de transformación del yo junto a los problemas de

¹Doutora em Educação Científica e Tecnológica (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Professora no Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação, (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Campus Universitário Trindade, 4º andar, sala 413, Bloco D, CED Caixa Postal: 476, Trindade, Florianópolis – SC, 88040-900 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1588-8853> E-mail: deb.rwagner@gmail.com.

la vida cotidiana, la enseñanza y la investigación en la formación de profesores. En la compañía filosófica que se elija, pensar este proceso de producción de escritura en el campo de la educación matemática y sus resonancias en la Educación de Campo es una forma de promover un ejercicio ético, estético y político, que apunta a una función etopoyética de transformación de la verdad en ethos.

Palabras clave: Autoescritura; Leyendo y escribiendo; Educación Matemática; Educación de Campo.

ALINHAVANDO FIOS E PONTOS

Eis aqui um exercício de escrita produzido a partir de um convite para participar da Mesa Redonda “Leitura e Escrita na Educação Profissional e na Educação do Campo” juntamente com os colegas Lauro Chagas e Sá (IFES) e Cléber Schaefer Barbaresco (IFSC/UFSC) no VI SELEM - Seminário de Escritas e Leituras em Educação Matemática. Fui provocada a tecer uma escrita sobre a própria escrita. Um exercício de escrever. Ou seria um exercício de escrever-(se)? E mais, um exercício de escrever-(se) e dizer-(se) no presente, a qual visa “dar forma a uma experiência do presente [...] é o que nos acontece agora, quem somos agora, o que podemos pensar e o que podemos dizer e o que podemos experimentar agora, neste exato momento da história (LARROSA, 2004, p. 34)”.

Pensar o processo de produção de leituras e escritas de uma professora-pesquisadora no âmbito da Educação Matemática, tecidas nos espaços institucionais de produção de conhecimento, trouxe à tona os efeitos e deslocamentos produzidos no ato de escrever, ressonâncias de uma postura, um *ethos* que se dá a ver e vai se constituindo diante das escolhas ético-político-estéticas que faço, as quais compõem minhas produções acadêmicas, mas também me subjetivam e contribuem para a constituição do meu modo de ser professora, de ensinar, de me relacionar com a matemática e com a sala de aula.

Nessa perspectiva, a escrita deste texto alinhava-se, ora com autores, livros e textos que me acompanham durante os processos de estudo e pesquisa, sejam eles movimentos solitários ou aqueles vivenciados junto ao GECEM², ora com a sala de aula e o ofício de uma professora que ensina matemática e sobre matemática.

Assim sendo, o objetivo deste texto é propor um exercício de pensar e expor os efeitos e deslocamentos produzidos pelos movimentos de leitura e escrita na vida e na formação de uma professora-pesquisadora, bem como suas ressonâncias no espaço onde essa professora-pesquisadora exerce seu ofício, qual seja, no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina. Nesse movimento, ao

² Grupo de Estudos Contemporâneos e Educação Matemática sediado no MEN/CED/UFSC e tem como líder a professora Dra. Cláudia Regina Flores e vice-líder a professora Dra. Débora Regina Wagner.

propor um exercício com a escrita e a leitura, deslocamentos vão sendo produzidos à medida que certas verdades vão sendo questionadas, ou, dito de outro modo, “uma escrita em que as verdades são afirmadas não para serem transmitidas, mas para colocar em questão a relação que se tem com elas, e em que o efeito buscado é mais a transformação de si do que a transmissão de um saber” (BERLE; KOHAN, 2019, p.234). Para tanto, assume-se a escrita e a leitura como lugares estratégicos para pensar quem somos, por onde circulamos, que espaços habitamos e como nos relacionamos com a matemática, o ensinar, o aprender, a sala de aula, a escola, a universidade, possibilitando, durante o processo de ler e escrever, experimentar a nós mesmos por diferentes modos de ser.

A LEITURA E A ESCRITA: TECENDO OS PRIMEIROS FIOS

A leitura faz parte da minha vida desde a infância. Sempre fui curiosa, inquieta, falante. Fui uma criança apegada aos livros, as leituras e as histórias que eram produzidas junto a elas, tanto as imaginárias quanto aquelas mais próximas do mundo real. De fato, sempre gostei de ouvir, ler e saber sobre o mundo e as coisas do mundo. Quando criança, a leitura era minha companhia até a chegada do sono. E assim como a leitura, a escrita atravessou e marcou minha infância nas muitas e muitas cartas escritas e endereçadas as amigas distantes, nas brincadeiras de ser professora entre livros, giz e minha pequena lousa, na produção dos diários da minha adolescência e, evidentemente, nas atividades escolares. Além disso, venho de uma família onde ser professor foi uma escolha da minha avó, minhas tias-avós, de meu pai e de alguns de meus tios e tias. Talvez essa convivência tenha produzido seus efeitos sobre a minha escolha. Talvez o fato de ser filha de um professor de matemática tenha provocado em mim o interesse pela matemática. Além da matemática, muitos dos livros que li e que povoaram meu imaginário foram apresentados para mim pelo meu pai, que, de certo modo, abriu o mundo da leitura, me inspirando com seu interesse e amor por ela. Talvez... Imagino que isso tudo faça parte do meu encontro com a leitura e a escrita.

Em *A Hermenêutica do Sujeito* (1981-1982), Michel Foucault apresenta uma ampla investigação sobre a noção do “*cuidado de si*” na antiguidade greco-romana. Em especial, descreve o modo de subjetivação antiga ao mostrar as técnicas, os procedimentos e as finalidades históricas segundo as quais, em uma relação consigo, constitui-se um sujeito ético. Dentre as práticas antigas que compõe o cuidado de si, Foucault (2014) destaca a “escrita de si” como um exercício físico de incorporação dos discursos, um “elemento do exercício de si” (FOUCAULT, 2014, p.320).

Em “A escrita de Si” – texto que compõe uma série de estudos sobre “as artes de si mesmo” no período da Antiguidade - Michel Foucault (2017), aponta a experiência da escrita como dispositivo de constituição de subjetividades, uma escrita como ferramenta para agir sobre si mesmo de forma ética, como um exercício em que se aprende a escrever através da própria escrita (BERLE; KOHAN, 2017). Nesse sentido, a escrita no período greco-romano teria uma importante função de transformação da verdade em prática de vida. Trata-se, pois, de uma estética da existência operando como prática processadora daquilo que já foi dito, lido, praticado, que se constitui então como a possibilidade do

sujeito se transformar, resultado do trabalho de si sobre si mesmo. Assim, “como elemento de treinamento de si, a escrita tem uma função *etopoiética*: ela é a operadora da transformação da verdade em *êthos*” (FOUCAULT, 2017, p.144) e se expressa, particularmente, através dos hypomnemata – livros de contabilidades, registros públicos, cadernetas e guias de conduta – onde se anotavam citações, fragmentos de obras, exemplos e ações, constituindo uma memória material daquilo lido, ouvido ou pensado, e das correspondências, cadernetas de notas que se constituem, nelas menos, exercícios de escrita pessoal (FOUCAULT, 2017). Logo, na tradição grega antiga da cultura filosófica de si a escrita não se refere apenas a uma produção textual, um mero “fazer”, é, antes, uma prática de produção de si na medida em que ela envolve uma relação consigo e uma atenção a si.

Escrever sobre si, seja para si ou para o outro, com o propósito de anotar, refletir, produzir memórias, meditar, pedir ou dar conselhos, conversar consigo e com outros é uma prática antiga que, naquele período, tinha a ver com uma estética da existência e o domínio de si e dos outros. Por ora, “escrever e ler, para si e para os outros, possibilita a emergência de exercício de pensamento que podem dar lugar a processos de criação e formação de si, mais críticos, reflexivos, mediados por uma relação mais complexa consigo mesmo” (BERLE; KOHAN, p. 236, 2019).

Nesse sentido, uma escrita de si opera como possibilidade de produção de experiências transformadoras em que o sujeito se envolve e se relaciona consigo mesmo, fixando regras de conduta e tratando de governar a própria vida, tudo isso, tomando a relação que estabelece consigo e com os outros.

Pensar as ressonâncias disso na atualidade, para o campo da educação, em especial para a educação matemática, é assumir que o exercício da escrita de si opera como dispositivo, um lugar de produção de subjetividades em que é possível escrever a própria história, expor modos de ver e assumir o mundo, a relação com o conhecimento, com as práticas, com os referenciais teóricos que atravessam e compõe as escritas, reivindicar espaços, abrir espaços, enfim, mostrar-se, produzir-se, transformando-se a si, aos outros e os espaços onde exercemos nosso ofício.

Assim, a produção de um modo de escrita que abarca uma função estética, ética e política e que atravessa a formação de uma professora-pesquisadora compõem um fazer implicado e posicionado no mundo e nas experiências que se vive, exigindo certo exercício de pensamento: a escrita e a leitura como possibilidade de experimentação de

si durante seu processo de produção. É importante dizer que uma função ética no âmbito da escrita e da leitura a qual se defende neste texto tem a ver com as escolhas que faço e com as posturas que assumo enquanto leitora e produtora de textos. A função estética acerca-se da potência dos processos inventivos, bem como das possibilidades de produzir desvios e abrir brechas que possibilitem outros modos de escrita diante dos modos naturalizados que ditam regras e normas no meio acadêmico. Por fim, a função política tem a ver com uma postura transformadora que se afasta da tentativa de busca e transmissão de verdades, mas que abre brechas que possibilitam colocar em questão a relação entre quem escreve e o que escreve, entre quem lê e aquilo que lê, cujo “efeito buscado tem a ver antes com a transformação de si do que a transmissão de um saber (BERLE; KOHAN, 2017). Em outras palavras, a leitura e a escrita como lugar de criação de nós mesmos. Deste modo, ao propor uma escrita sobre a própria escrita coloco-me na condição de pensar acerca das questões que me atravessam e que me convocam nesse espaço, em especial, pensar a matemática e seu ensino na relação com a educação do campo.

Pensar e escrever-(se) à mão

Pode-se dizer que o que tem produzido ecos nos meus escritos e leituras tem a ver com uma perspectiva que assume o percurso formativo e educativo como travessia constituidora de um fazer que se produz no sentido de uma experiência de tornar-se professora, tornar-se pesquisadora. Em outras palavras, tem a ver com um modo de fazer e fazer-se que não se dissocia, que está interligado, que acontece conjuntamente. Tal perspectiva vem sendo assumida há algum tempo dentro do GECM – Grupo de Estudos Contemporâneos e Educação Matemática. Neste grupo participam professores, estudantes e pesquisadores das áreas da Educação, Ciências Exatas, Pedagogia, História e Artes. Os trabalhos, estudos e pesquisas desenvolvidos pelo Grupo se articulam com a cultura, a história e a filosofia e visam investigar problemáticas inerentes à Educação Matemática, voltando-se, particularmente, à produção de conhecimentos matemáticos, aos processos de ensino e de aprendizagem matemática e à formação de professores.

As problemáticas que interessam e ocupam o grupo tem ressoado nas leituras e escritas produzidas e se manifestam através dos encontros de estudo, publicação de artigos e livros, participação em eventos, palestras e seminários, produção de teses, dissertações e TCCs, participação em bancas, cursos de formação para professores e

professoras que ensinam matemática, e também nas salas onde muitos dos integrantes do Grupo atuam como professores e professoras no Ensino Superior, Técnico e na Educação Básica.

As referências que têm de algum modo acompanhado e inspirado o Grupo provem, em sua maioria, do campo de estudos da filosofia e da filosofia da educação por meio das leituras e estudos das obras de filósofos contemporâneos como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jaques Rancière, Jorge Larrosa, Walter Kohan e Jan Masschelein. De modo geral, o Grupo não opera com um método prescritivo que obedece a algum roteiro ou uma rigidez de etapas, prevendo um destino ou um lugar de chegada, mas, antes, assume e incorpora um modo de pesquisar, educar e formar(-se) que se apoia na problematização, um *como fazer* que se vincula à experiência de pensar, nos exercícios de pensamento que se produzem na processualidade de um percurso que vai se constituindo no âmbito do pesquisar, estudar, formar(-se). Refinando um pouco mais a noção de problematização a qual nos apoiamos, tem a ver, de certo modo, com uma arqueologia das problematizações que se apoia numa história crítica do presente na perspectiva de Michel Foucault, ou ainda, que se interessa pela

[...] emergência histórica de temas e problemas em nossa cultura, bem como a operação dos nossos modos históricos de pensar, nossos regimes de produção de verdades, as possibilidades e impossibilidades que nos são dadas para o exercício político do pensamento (PRADO FILHO, 2013, p.88, grifos do autor)

Assim, o modo de escrita que nos inspira e buscamos exercitar dentro do Grupo não almeja encontrar ou desvelar aquilo que está escondido, camuflado, ele concentra o olhar e a atenção naquilo “que está próximo demais de nosso olhar para que possamos ver, o que está aí bem perto de nós, mas que nosso olhar atravessa para ver outra coisa” (FOUCAULT, 2016, p. 69).

Nessa perspectiva, o cuidado que assumimos com as palavras e o modo como operamos com elas é atravessado por uma postura diante da escrita e da leitura, em especial, aos sentidos que vamos produzindo junto a esses processos numa relação com os referenciais que nos apoiamos os quais nos inspiram a pensar os temas no âmbito da educação matemática que interessam ao Grupo.

É importante ressaltar ainda que mesmo não operando explicitamente com um método definido, conceitos e significados demarcados, nossos trabalhos e nossas ações assumem e apresentam noções de matemática, escola, ensino, aprendizagem que dão pistas de uma intencionalidade educativa e têm a ver com uma postura ética, política e

estética assumida pelos integrantes do Grupo. Assim, assumimos as questões e problematizações que nos acercam numa perspectiva do tempo presente, ou ainda, como ferramentas para pensar nosso tempo e nosso mundo presentes. Nesse sentido,

O presente não é o que aparece, como tal e diante de nós (como um objeto de conhecimento), mas o que é experienciado quando nós estamos atentos ou quando estamos ‘presentes no presente’. A evidência, assim, não é o que é simplesmente dado, mas o que aparece quando o olhar se preocupa com o presente. Presença não é uma simples visão: ela se oferece em encontros, receios ou preocupações (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p.171, grifos do autor).

Pois bem, essa postura que assumo e busco incorporar sobre os modos de ler, escrever, pesquisar e tornar-se professora e suas ressonâncias é atravessada ainda por outro aspecto que se entrelaça com o *como fazer* e o modo como isso se materializa em uma escrita cartográfica.

A cartografia não se refere a um método propositivo que visa regras definidas ou protocolos rígidos de pesquisa, trata-se, antes, de uma estratégia de análise crítica que acompanha e descreve relações, trajetórias, numa perspectiva rizomática³, apontando linhas de fuga, abrindo brechas, possibilitando rupturas.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa (PASSOS; BARROS, 2012, p.17, grifos do autor).

Tal estratégia tem a ver com um modo de fazer pesquisa que se produz na processualidade, no caminhar, um modo de fazer pesquisa que acompanha os efeitos produzidos sobre o objeto a ser pesquisado, o pesquisador e a própria produção do conhecimento numa inserção que constitui no próprio percurso da investigação (PASSOS; BARROS, 2012). Com isso, o método cartográfico não traça mapas no sentido tradicional do termo e sim diagramas, que não se referem à topografia, mas, antes, a uma topologia dinâmica que envolve linhas de força, intensidades, lugares e movimentos de poder (PRADO FILHO; TETI, 2013).

É importante frisar que uma pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento do processo, não na representação de objetos. Logo, não se trata de uma pesquisa sobre algo ou alguém, mas uma pesquisa com alguém ou algo. Neste sentido, cartografar, é produzir-se no mundo e com o mundo, compondo um território existencial, engajando-se a ele (ALVAREZ; PASSOS, 2012). Daí que uma pesquisa cartográfica não visa separar

3

o sujeito da pesquisa do objeto a ser pesquisado, mas “ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (BARROS; KASTRUP, 2012, p.57).

Assim, a processualidade do cartografar é inseparável do movimento de pesquisar presente em todos os momentos do fazer, inclusive no que se refere à leitura e a escrita, colocando o pesquisador “em meio ao processo, no meio da escrita, no meio da pesquisa, no meio em que começo e fim já não existem” (BERLE, 2018, p.200).

A cartografia coloca-nos, portanto, o desafio de produzir outras relações, vislumbrar outros caminhos, visualizar outras paisagens e, também, outros modos de existência e de subjetividade, enfim, modos outros de se relacionar consigo mesmo, com o conhecimento e com o modo de produzi-lo, escapando a reprodução e à repetição de si e tornando a singularização um processo possível.

Ensino de Matemática e Educação do Campo: um ponto sem nó

Pois bem, e como essa teia se enreda, atravessa e ressoa no meu modo de ser uma professora-pesquisadora que ensina matemática e sobre matemática na Educação do Campo? De que modo isso tudo que escrevi articula-se com meu ofício?

Conforme anunciado anteriormente, isso não se faz de modo prescritivo, numa tentativa de seguir modelos e regras. Trata-se, pois, de uma postura, um *êthos*, um modo de estar e agir que vem me constituindo e possibilitando que eu me torne quem eu sou.

Assim, dos movimentos que venho fazendo como professora que ensina matemática e sobre matemática no curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFSC e como pistas que visam demonstrar esta maneira de lidar com a leitura, a escrita no meu ofício descrevo algumas ressonâncias provenientes do Projeto de Pesquisa “*Matemática e Educação do Campo: cartografias de professoras em formação*”, cadastrado no Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina que está em vigência desde 2020 e encontra-se sob minha coordenação.

A pesquisa tem como objetivo cartografar o que acontece no entre das relações com futuras professoras em educação do campo, matemática, escola e sala de aula a fim de acompanhar processos que se engendram no movimento formativo. Neste projeto, assume-se o campo e as escolas como espaços de produção de vida e a educação do campo

e a educação matemática como espaços que possibilitam propor exercícios de pensamento, assumindo a formação como espaço de experiências singulares de subjetivação. Algumas questões-problema norteiam este projeto e podem ser assim definidas: Como a formação em matemática atravessa a formação dos professores da Licenciatura em Educação do Campo da UFSC? Que discursos atravessam e compõe as práticas matemáticas dos professores do campo? Que matemáticas acontecem nas escolas do campo e no campo? Como a matemática atravessa a vida dos sujeitos que vivem no e do campo? Como estratégia metodológica, apoiamo-nos na cartografia entendida como um método de pesquisa-intervenção que se constitui no movimento, no processo, no traçado das experiências, considerando os efeitos do próprio percurso da investigação. Assim, os dispositivos a serem cartografados serão escolas, salas de aula da educação básica onde se ensina e se aprende matemática, a formação de professoras, seja ela inicial ou continuada. Participam do projeto quatro estudantes das 7^a e 8^a fases⁴ do referido curso.

Deseja-se com isso, evidenciar modos de compreender, se relacionar e operar com matemática relacionando a sala de aula de escolas do campo com os modos de vidas marcados pelas práticas escolares e não escolares. Portanto, toma-se tanto a sala de aula como o campo enquanto espaços de acontecimentos, como coletivos de forças que dão lugar a imprevisibilidade. São esses espaços que desejamos cartografar, habitar, vivenciar voltando nossa atenção às imprevisibilidades, às fissuras, aos acontecimentos que fogem da normalidade e das banalidades cotidianas.

Por outro lado, como se trata de uma cartografia de professoras em formação, a formação de professores/professoras também se torna aqui lugar de parada e atenção. Disto, o que se deseja é antes, deslocar, “questionando a ideia de um educador solucionador de problemas para, diferentemente, forjar um educador problematizador” (DIAS; BARROS; RODRIGUES, 2018, p.949), aquele que se produz e inventa no próprio processo formativo ao se permitir outros modos de pensar e sentir o mundo e a escola e “que luta por uma formação que não se limite às exigências da capacitação e do mercado, mas se expanda com abertura para a experiência presente, fazendo vibrar e enlaçar modos experienciais” (DIAS; BARROS; RODRIGUES, 2018, 950). Nessa perspectiva, o modo de fazer formação tem a ver com o deslocamento de lugares e discursos naturalizados sobre o saber docente, isso porque, numa formação problematizadora não há espaço para modelos generalizantes e projetos capacitadores

⁴ Fases, semestres ou 3^o/4^o ano do curso.

(DIAS; BARROS; RODRIGUES, 2018). Portanto, tal modo de pensar a formação de professores não nos oferece um mapa que nos conduz ao êxito ou a uma forma de ser educador que tenha como resultado resolver os problemas relacionados à escola, ou então, nos dizer qual a forma mais eficiente de ensinar ou aprender matemática nas salas de aula, mas antes, manter-nos atentos ao que nos acontece, às afetações, abertos a outras experiências. A busca se dá, antes, pelo indeterminado e pela ação, na inseparabilidade entre conhecimento e vida. Formação como movimento, espaço que toma o conhecer pelo ato de agir; problematização e transformação de si e do mundo.

Nesse sentido, toma-se o campo e a escola como espaços de vida e a educação do campo e a educação matemática como espaços que possibilitam pensar e vivenciar modos de vida. Aqui o sujeito do conhecimento e o objeto conhecido não se separam e são tomados como efeitos de práticas discursivas e não discursivas. Portanto, não há um sujeito pronto, nem mesmo um objeto que se dá a conhecer por um sujeito, mas há um processo de produção de subjetividade que se faz no agir, através de práticas concretas. Logo, “conhecer a realidade, é acompanhar seu processo de constituição” (PASSOS; BARROS, 2012, p.31), produzindo, ao caminhar, o caminho, o sujeito e o objeto.

Dentre os trabalhos produzidos pelo grupo está o Trabalho de Conclusão de Curso *Profanando com a matemática escolar: provocações e exercícios de pensamento* defendido em 2020 pela estudante Suelen Milczewski. O trabalho teve como objetivo problematizar o papel da matemática que se ensina na escola, tomando como pressuposto a polaridade matemática escolar e matemática cotidiana. Os seguintes questionamentos tornam-se os problemas da pesquisa: que matemática é ensinada na escola? Qual a função da matemática escolar? A autora realizou entrevistas com famílias de agricultores da região de Rio Negrinho, SC, e as tomou como lugar de problematização, em especial, aquelas que afirmavam que teoria e prática são duas coisas distintas, e a ideia de que a matemática que se aprende na escola, quando não associada com o cotidiano, não faz sentido algum. Com isso propôs-se um exercício de pensamento, colocando em suspensão⁵ as funções atribuídas à escola e à matemática a fim de tencionar, colocar em movimento, essas questões que surgem ao pensar tanto a escola e sua função, quanto a matemática escolar.

⁵ A ideia de suspensão assumida no trabalho apoia-se na teoria de Masschelein e Simons (2014) e tem a ver com retirar, temporariamente, a ideia de contexto, de produção, de função, libertando-a, tornando-a inoperante. No caso deste estudo, se colocou em suspensão às funções da escola e da matemática escolar.

Além deste trabalho, outros dois Trabalhos de conclusão de curso foram defendidos em dezembro de 2021 e inserem-se no contexto da Pandemia do Covid-19, assumindo as salas de aula como tempo e espaço de produção de práticas, onde se produzem modos de pensar, de ser, de agir, tempo e espaço de ensino, tempo e espaço de aprender. Em outras palavras, assumimos esses espaços, sobretudo, como “lugar fundamental do ofício, como se disséssemos a oficina do professor, o lugar essencial do seu fazer” (LARROSA, 2018, p.71).

Particularmente, o trabalho defendido pela estudante Letícia Knaul Ferreira e denominado *A matemática e o ensino remoto em tempos de pandemia: cartografando a experiência de uma futura professora do campo* tem como objetivo cartografar experiências de uma futura professora do campo ao ensinar matemática de modo remoto para duas turmas de 7º ano em uma escola pública na cidade de Bom Retiro, SC. Nesta pesquisa, assumiu-se a cartografia como estratégia metodológica de uma pesquisa-intervenção que visou traçar o caminho trilhado pela professora e acompanhar o processo, trazendo à tona os movimentos e escolhas assumidas por ela ao ensinar matemática e se relacionar com os estudantes e a sala de aula nesse período.

O trabalho defendido pela estudante Bruna Schmitz e intitulado *Uma cartografia de um estágio supervisionado em Educação do Campo em tempos de pandemia* buscou cartografar a experiência da autora durante o Estágio Supervisionado nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática no Ensino Médio que aconteceu no primeiro semestre de 2021 na forma de seminários. Neste estudo, assumiu-se a cartografia como a estratégia metodológica, visando traçar os caminhos e descaminhos vivenciados pela autora-estudante-cartógrafa durante o estágio e marcados na forma de escrita em um diário de bordo. As aulas e atividades realizadas ao longo do estágio operaram como lugar de problematização, possibilitando pensar como a interdisciplinaridade entre as áreas de Ciências da Natureza e Matemática poderá potencializar o ensino da matemática na perspectiva de uma Educação do Campo.

Por fim, destaco um trabalho realizado com uma das turmas da 7ª fase (4º ano) da Licenciatura em Educação do Campo na disciplina de Laboratório II, durante o ano de 2019. Trata-se de uma atividade em forma de oficina relacionando matemática e arte. Nela, imagens da arte, particularmente, imagens de pinturas de artistas brasileiros foram tomadas como lugar estratégico a fim de propor exercícios de pensamento com matemática. Duas questões movimentaram a oficina: *Ao que e como nos tornamos*

sensíveis num espaço de formação que reúne matemática, arte e educação do campo? Que forças e que quereres nos movimentam a pensar numa educação do campo agenciada pela matemática e pela arte? A intenção não era respondê-las, mas antes, torná-las problema, rompendo limites e produzindo inquietudes, fazendo das imagens lugar de subversão de palavras, e, sobremaneira, “espaço dado ao “imaginário humano”, individual e social, para ousar reivindicar e roer – também – um pedaço da realidade” (SAMAIN, 2003, p.48). A proposta não desejava ensinar aos estudantes da licenciatura como relacionar matemática e arte pelos caminhos da interdisciplinaridade ou outros caminhos quaisquer, afinal, nunca foi meu propósito ensinar caminhos, mas, antes, caminhar, experimentar, aventurar, promover encontros, exercitar pensamentos, produzir espaços de sensibilidade, trazendo à tona práticas de olhar em matemática, em educação, em especial, em educação do campo, emergentes dos discursos e atividades realizadas pelos estudantes. Das oficinas, produziu-se o artigo intitulado *Matemática e Arte: movimentos insubordinados em uma sala de aula da Licenciatura em Educação do Campo*⁶ publicado na Revista RIPEM em 2019.

Destaco que a relação matemática e arte por meio de imagens de pinturas são objetos de interesse das minhas pesquisas de mestrado⁷ e doutorado⁸ e seguem me acompanhando na errância de tornar-me uma professora-pesquisadora. Essa relação entre matemática e arte nos meus estudos se enreda em uma teia composta por fios que envolvem as práticas culturais, a história⁹ e a visualidade¹⁰. Nelas, as imagens da arte tornaram-se lugar de questionamento, dispositivos de confissão que trazem à tona modos de ser, estar, viver, sentir, falar e de se relacionar com elas, através delas, por elas junto a matemática. Enfim, lugar “de vivências presentes, de sobrevivências, de ressurgências, de tantas outras memórias (individuais e coletivas)” (SAMAIN, 2012, p. 162), que incitaram modos de pensar e exercitar visualidades ao fazer falar sobre “verdades marcadas em formas de pensamento” (FLORES, 2016, p. 507).

⁶ Acesso em: <http://sbem.iuri0094.hospedagemdesites.ws/revista/index.php/ripec/article/view/2365>

⁷ WAGNER, Débora Regina. **Arte, técnica do olhar e educação matemática: o caso da perspectiva central na pintura clássica**. Florianópolis, 2012. 126 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, 2012.

⁸ WAGNER, Débora Regina. **Visualidades movimentadas em oficinas-dispositivo pedagógico: um encontro entre imagens da arte e professores que ensinam matemática**. 2017. 203 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, 2017.

⁹ História não numa perspectiva linear, contínua, mas feita de rupturas e descontinuidades

¹⁰ Visualidade entendida “como a soma dos discursos que informam como nós vemos” (BRYSON, 1988). Essa soma de discursos é construída culturalmente e está inserida no contexto das relações entre os sujeitos e o mundo.

Em especial, a relação arte e matemática marcada em minha tese de doutorado, cujo objetivo foi problematizar uma formação de professores que se deu na forma de oficinas bem como movimentar visualidades dos professores e professoras para analisar discursos relacionados às práticas matemáticas de olhar, disparados e atravessados por elas. As visualidades problematizaram práticas discursivas que informam como vemos; provocaram pensamentos sobre como os sujeitos produzem experiências de si, ao passo que são produzidos por elas; buscaram compreender que formas de ver historicamente constituídas interagem com as práticas de olhar em matemática, ressoando no modo como se ensina, aprende e se relaciona com o saber matemático no presente. Nessa perspectiva, ler e interpretar imagens, na tentativa de encontrar significados e verdades que digam sobre um modo de pintar e representar, ou mesmo, sobre as intencionalidades de quem a pintou, aplicando conceitos matemáticos, perde força e sentido no âmbito desta pesquisa. O exercício de movimentar visualidades, em uma formação que relaciona matemática e arte, abriu espaço para pensar e interrogar sobre isso que somos e sobre como vamos nos produzindo a partir das experiências vividas. Isso tudo como um exercício crítico e transgressivo do pensamento, possibilitando aberturas ao acontecimento, a invenção de problemas (aprender) e aos modos outros de operar com o visual no campo da educação matemática, com a formação de professores, com o ensinar e com a relação matemática e arte.

Por fim, estes são alguns dos caminhos que venho trilhando, auxiliando-me a produzir-me no mundo e com o mundo, tornando-me quem sou e permitindo-me experimentar outros pensamentos numa relação “em que a forma e o conteúdo se confundem na busca de pensar sempre de outra maneira, de não consagrar ou legitimar o que já se pensa e se sabe, mas de buscar sempre outras formas de pensar e saber” (KOHAN, 2012, p. 39). Um caminhar que se faz pelo caminho, contribuindo para que eu perceba como determinados modos de pensar me sustentam, sustentam minhas práticas e produções no âmbito acadêmico, minhas leituras e escritas ao mesmo tempo em que são sustentados por elas. Nesse sentido,

caminhar significa deslocar o olhar para que possamos ver de uma maneira diferente, para que possamos ver o visível (as coisas distantes, mirantes, espaços abertos, perspectivas que se abrem no caminho são visíveis, não estão escondido, não estão além daqui), e de maneira que possamos ser transformados. Nisso consiste caminhar: um deslocamento do olhar permitido pela experiência, uma submissão passiva (receber ordens do caminho) e, ao mesmo tempo, um esboço (ativo) do caminho. [...] O que dá sentido ao caminhar é a possibilidade de olhar além de qualquer perspectiva, uma visão ou um olhar que nos transforma (e, portanto, é uma experiência) enquanto estejamos sujeitos ao que vemos. [...] O importante no caminhar é pôr em

movimento esse sujeito e essa posição. Caminhar é uma ex-posição, um estar fora da posição (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 43, grifos do autor)

Daí que

Um educador é alguém que anda, caminha, se desloca... sem um destino final, encontra as condições para se encontrar com os que estão fora... num tempo presente, de presença... O educador anda o mundo para mostrar que ele sempre pode ser de outra maneira. Uma educação política parte do princípio de que o mundo pode ser de outra maneira, e para que o mundo possa ser de outra maneira, o educador anda errando no caminho da educação. O mundo está aberto e o andar educante dará lugar a um outro mundo que não podemos antecipar (KOHAN, 2019, p.143, grifos do autor).

Nessa perspectiva, a leitura e a escrita potencializam experiências na vida de uma professora-pesquisadora na medida em que possibilitam aquele que lê e escreve caminhar, pensar, dizer e escutar-se, e, ainda, (re)visitar os pensamentos e (re)encontrar-se com eles, produzindo percepções de si e do mundo e, ao mesmo tempo (re)inventar-se, encontrando espaços para transformar ideias, olhares, concepções. Transformar-(se). Escrever-(se).

DESATANDO ALGUNS NÓS

Escrever é permitir-se a processualidade. É, ainda, comprometer-se com uma verdade que tem mais a ver com as relações entre cada sujeito que escreve e sua própria escrita, seus pensamentos e sua vida, do que uma verdade atrelada a ideias ou conceitos que visa estabelecer relações entre enunciados e a chamada realidade (LARROSA, 2004). De modo que se escreve não para dominar ou apropriar-se de algo, mas antes, estabelecer compromisso, transformar, produzindo, constantemente um exercício de si na escrita (idem).

Assim, a tessitura desse texto tem a ver com um modo de escrever que se esforça para não ser ou tornar-se prescritivo. Um modo de escrever que não deseja fechar-se em si, mas que busca acontecer nas interrogações e exercícios de pensamento que se propõe. Uma escrita não acabada que se produz no presente, de modo processual, andarilha e errante. Um fazer-(se) a mão, com as próprias mãos, a partir de uma vida atravessada em muitos sentidos.

Assim, os fios que constituem a teia que produz e é produzida por um modo de ser professora-pesquisadora que ensina matemática na Educação do Campo e que atravessa minhas escritas e leituras é um processo permeado por encontros e desencontros comigo e com os outros, com livros, com textos, com autores, com matemática, com palavras ditas e também não ditas, com silêncios, com tremores, com ações, com instituições, com pensamentos, com a vida e os sentidos nela produzidos. Daí que

“escrever é afirmar uma vida” (KOHAN, 2015, p.17), numa perspectiva que visa dar sentido a nossa prática, possibilitando seu acontecimento de um modo outro que se permite belo e livre (DIAS, 2012). Assim, o que importa nesse movimento de escrita “é a palavra no movimento múltiplo da vida, da escrita e da leitura, no que ela traz e origina de uma vida vivida inteiramente pelas vidas por viver a partir das leituras dessa vida que se manifesta em palavras” (KOHAN, 2015, p.18).

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In.: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Porto Alegre: Sulina, 2012. p.131-149.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In.: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Porto Alegre: Sulina, 2012. p.52-75.

BERLE, S. **Infância como caminho de pesquisa: o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/PROPEd/UERJ) e a educação filosófica de professoras e professores**. 1ª ed. Rio de Janeiro: NEFI, 2018. p.

BERLE, S.; KOHAN, W. O. Quando um grupo de estudos escreve: o Nefi (Proped/Uerj) e a escrita de si. In.: **Escritas de Si: escuta, cartas e formação inventiva de professores**. DIAS, R.O.; RODRIGUES, H.B.C. (Orgs). 1ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p. 233-240.

DIAS, R. O. **Formação inventiva de professores**. DIAS, R.O. (Org). Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

DIAS, R. O.; BARROS, M. E. B. B.; RODRIGUES, H. C. B. A questão da formação a partir de ‘Proust e os signos’ - o acaso do encontro e a necessidade do pensamento. **ETD - Educação Temática Digital** Campinas, v.20 n.4, 2018. p. 947-962. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8649718>

FERREIRA, L. K. A matemática e o ensino remoto em tempos de pandemia: cartografando experiências de uma futura professora do campo. 40f. TCC (graduação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Educação do Campo, Florianópolis, Brasil, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/228763?show=full>

FILHO, K. P. Michel Foucault, Historiador do Pensamento. In.: Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos. MARQUES, W.; CONTI, M.P.; FERNANDES, C.A. (Orgs). Uberlândia: EDUFU, 2013. p.87-98.

FILHO, K. P.; TETI, M.M. A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, 2013. p.45-59. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004

FLORES, C. R. Descaminhos: potencialidades da arte com a educação matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 30, n. 55, p. 502-514, ago/2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/NXwwKkkyJQDhTpZKqtXHr6J/?format=pdf&lang=pt>

FOUCAULT, M. A escrita de si. In.: **Ditos e Escritos: ética, sexualidade e política**. MOTTA, M.B (Org). Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3ª ed. v.5, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. p.141-157.

FOUCAULT, M. **O Belo Perigo: conversa com Claude Bonnefoy**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca, Salma Annus Muchail. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

KOHAN, W. O. Palavras, passos e nomes para um projeto. In: KOHAN, Walter; OLARIETA; Beatriz Fabiana (orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte Autêntica, 2012.

KOHAN, W. O. **O mestre inventor: relatos de um viajante educador**. Tradução de Hélia Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

KOHAN, W. O. **Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LARROSA, J. A Operação Ensaio: Sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Revista Educação & Realidade**, v.29, n.1, 2004. p.27-43. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417>

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, 174p.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MILCZEWSKI, S. **Profanando com a matemática escolar: provocações e exercícios de pensamento**. 42f. TCC (Graduação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Educação do Campo, Florianópolis, Brasil, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220710>

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como métodos de pesquisa-intervenção. In.: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Porto Alegre: Sulina, 2012. p.17-31.

SAMAIN, E. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **VISUALIDADES**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 151-164, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23089>

SAMAIN, E. Antropologia de uma imagem “sem importância”. **ILHA**, Florianópolis, v.5, n.1, 2003, p. 47-64. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15241>

SCHMITZ, B. **Uma cartografia de um estágio supervisionado em Educação do Campo em tempos de pandemia**. 52f. TCC (graduação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Educação do Campo, Florianópolis, Brasil, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/228764>

Wagner, D. R. Matemática e Arte: movimentos insubordinados em uma sala de aula da Licenciatura em Educação do Campo. **Revista Internacional De Pesquisa Em Educação Matemática**, 9(3), 2019, p.142-157. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348772039_Matematica_e_Arte_movimentos_insubordinados_em_uma_sala_de_aula_da_Licenciatura_em_Educacao_do_Campo

WALKER, J.; CHAPLIN, S. **Visual culture**: An introduction. New York: Manchester University Press, 1997.